Texto inédito, apresentado no Avistar Brasil (São Paulo: 17-19 de maio de 2019]

Homenagem a Bianca L. Reinert

Fernando C. Straube
(15 de maio de 2019)

Bianca, nascida Bianca Luiza Araújo Gaeski, veio ao mundo em 3 de outubro de 1966. Ela é natural de Palmas, cidade localizada em uma das regiões mais frias do sul do Paraná, famosa pelos campos naturais que se perdem no horizonte meio a capões de pinheiros e, também, pelas águas cristalinas do rio Chopim. De colonização bastante antiga, a cidade surgiu em 1839, quando fazendeiros tomaram os territórios dos índios Kaingang, que chamavam o lugar de Kreiê-bangrê. Dizíamos que ela era descendente de "bugre", porque tinha sido roubada deles e trazida para a "civilização". Ela ficava orgulhosa disso, porque gostava do mato, dos bichos e de tudo o que se relacionava à natureza. E também porque seus longos cabelos negros e lisos pareciam confirmar a nossa teoria.

Teve uma infância feliz, frequentando a Fazenda Pitanga, propriedade de sua avó, correndo pelos campos; vez ou outra entrava na mata para catar pinhão e subia nos pés de araçá, para colher os frutos. Com olhar curioso de criança sapeca que, aliás, nunca abandonou – olhava os passarinhos – curucacas, caranchos, chupins do brejo – sem cogitar que, no futuro, eles fariam parte do seu destino.

Bianca mudou-se para Curitiba em 1984 e, três anos depois, entrou no curso de Biologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Por falta de grana, precisou apelar para o crédito estudantil e foi assim que conseguiu – com grande esforço – concluir seu curso superior. Nesse mesmo tempo casou-se com Maurílio Reinert, o Maska, guitarrista de primeira qualidade, hoje com carreira de sucesso no exterior. Vem daí o seu sobrenome, guardado com carinho daqueles tempos.

Certa vez, ela esteve em Pirabeiraba, um bairro de Joinville (Santa Catarina), e ficou por horas observando as garças-vaqueiras (*Bubulcus ibis*) que ali usavam um plantio de pinus para repouso comunitário. E foi assim que descobriu também que algumas pessoas iam para lá somente para abater as aves, por diversão. Decidiu, assim, estudar aquelas aves, escolhendo-as como tema para seu trabalho de conclusão de curso, sob orientação da professora Leny Milléo-Costa. E assim começa a história...

Em 1991, a Bianca recém-formada passou a frequentar o Museu de História Natural Capão da Imbuia, em Curitiba. Frente a frente com uma coleção científica das melhores, tendo agora acesso à literatura e ao convívio com pesquisadores de várias áreas, estava pronto o terreno para seus estudos. Logo de começo, uniu-se a alguns novos amigos que ali fez e, ajuntando economias, participou de um congresso de Ornitologia no Paraguai. Estava decidido: a Ornitologia passava a integrar definitivamente a sua vida!

Mas eram tempos difíceis. Sem nenhum tipo de ajuda, nem bolsas de estudo, era necessário sobreviver e – como se sabe - só voluntarismo não enche a barriga de ninguém. Para isso ela produzia artesanato, peças em batik feitas com cera de abelha e que resultavam em figuras multicoloridas. E assim passou a produzi-las durante a semana e vendê-las nos domingos, na tradicional Feirinha do Largo da Ordem. Aos poucos passou a dividir seu tempo entre a produção – pela manhã – e o estágio voluntário no Museu à tarde. E assim prosseguiu, por vários anos, participando também de expedições para pesquisa de avifauna, bem como coleta, organização e rotulagem da coleção. Vez ou outra apareciam viagens de consultoria e, com isso, acabou por obter algum recurso para a sobrevivência. Foi assim que começou a viajar, primeiro pelo Paraná e, em seguida, por vários outros estados do Brasil.

Logo nos primeiros anos da década de 90, ela passou a visitar regularmente os chamados brejos litorâneos do Paraná, em companhia de Marcos R. Bornschein, o Marcão. Nesse momento, ela não somente encontrou um novo companheiro que, por muitos anos formou com ela um casal, como também participou de uma das mais formidáveis descobertas da Ornitologia brasileira: o bicudinho-do-brejo. Para eles, não se tratava apenas de uma espécie nova mas também de um gênero novo, algo totalmente inusitado se considerarmos o avanço das pesquisas com avifauna no Paraná e, particularmente, no litoral desse Estado. Foi assim que apareceu nos livros o nome *Stymphalornis acutirostris*, uma espécie que já nascia ameaçada de extinção. E isso se confirmara ali mesmo: o local onde o pequeno pássaro tinha sido encontrado pela primeira vez, em poucos anos foi drenado e todo o seu ambiente destruído.

Disposta a reverter essa situação lamentável, Bianca passou a se empenhar pela busca a outras populações do pássaro em vários outros locais. E não tardou a localizá-lo em alguns pontos do litoral mas, agora dominando totalmente a questão geográfica, percebeu que a situação era ainda mais crítica.

Nesse meio tempo, em 1998, ainda arrumou tempo para descrever outra nova espécie de ave, o macuquinho-da-várzea (*Scytalopus iraiensis*) que vivia nos mais densos e inacessíveis banhados da região metropolitana de Curitiba, igualmente ameaçada pela destruição de seus hábitats. A descoberta, feita junta com Bornschein e agora com o colega Mauro Pichorim, levou-a novamente às manchetes.

Depois ela fez mestrado em Ciências Florestais pela UFPR em Curitiba, apresentando em 2001 a sua dissertação, tratando de tudo e mais um pouco sobre a vida do bicudinho-do-brejo. Alguns anos depois cursou o doutorado em Zoologia, pela UNESP de Rio Claro. Defendeu tese em 2008 versando sobre qual tema? O bicudinho!

Sim! Ela não conseguia esconder sua predileção pelo pássaro. E graças a isso associou-se com alguns amigos, para a mais importante ação visando sua proteção: a criação de uma área onde os pássaros pudessem viver em paz. Foi nessa época que conheceu Ricardo Belmonte Lopes, que se tornou não apenas seu companheiro de todas as horas, marido, cúmplice e – mais importante – o amigo que conviveu com ela até seus últimos dias. Os dois – agora eternizados por laços profundos, passaram a

dividir alegrias e conquistas, além de suportar as agruras de uma doença difícil de vencer.

Foi assim que em 2008 surgiu a Reserva Bicudinho-do-brejo, uma RPPN de 25 hectares em uma região paludosa, perto do Parque Municipal da Lagoa do Parado, nos recônditos da Baía de Guaratuba. Com enormes dificuldades estabeleceu ali uma sede, que abrigou inúmeros cientistas, fotógrafos e visitantes ao longos de todos estes anos. Para completar a luta pela preservação do hábitat, ainda estudou e implementou técnicas para o controle do capim-baquiária, uma planta invasora agressiva que, pouco a pouco, começava a dominar a região e colocar em risco os já escassos ambientes do pássaro. Muito anos depois (já em 2014), para completar, ainda apareceria outro bicudinho-do-brejo em sua vida – o paulista – cuja descrição e várias ações conservacionistas, contaram com sua direta participação.

Bianca tinha múltiplos interesses, mas todos eram conectados com a conservação da natureza. Pertencia ao quadro técnico da Mater Natura: Instituto de Estudos Ambientais, foi consultora *ad hoc* da Fundação Grupo O Boticário de Proteção à Natureza e desde 2012 integrava o grupo de pesquisas "Biodiversidade, Conservação e Ecologia de Animais Silvestres" do CNPq. No ano de 2015, ela foi homenageada com a descrição de um pequenino sapo que, uma vez batizado em publicação científica, passou a ser chamado de *Melanophryniscus biancae*. Reconhecimento à imensa dedicação em defesa da natureza brasileira.

Depois de muitos anos de uma inacreditável luta contra o câncer, Bianca descansou no dia 10 de setembro de 2018. Pouco antes de falecer, ela ainda continuava ativa, com suas pesquisas e mesmo com a produção de artesanato. Além disso, pode também acompanhar, orgulhosa, o lançamento do seu livro de divulgação "A descoberta do bicudinho-do-brejo", com textos da famosa poetisa Adelia Woellner e ilustrações de Kitty Harvil.

Era uma pessoa dedicada, generosa e cuidadosa com os amigos, para quem sempre havia um ombro e um café quente. Isso para ela, assim como os preciosos momentos junto à natureza, era o que havia de mais valioso. Se perdemos a Bianca do nosso convívio, ganhamos muito – pelos ensinamentos de caráter, disposição e idealismo que ela deixou. Não nos resta apenas expressar nossa gratidão mas, especialmente, uma lição – a ser lida diariamente como forma de motivação pela defesa das nossas aves, da natureza e, especialmente, da importância que têm as pessoas na interação e cumplicidade com o mundo natural.

Por isso e muito mais, obrigado, Bianca!